

Análise da estruturação de diálogos e monólogos na fala informal: quantificando as diferenças

Analysis of the structure of dialogues and monologues in informal speech: quantifying the differences

Maryualê Malvessi Mittmann*

RESUMO: Este trabalho utiliza dados de um *corpus* de fala informal para investigar diferenças na estruturação de eventos comunicativos de tipo dialógico e monológico. Argumenta-se em favor de uma análise a partir de unidades de referência próprias da modalidade falada, definidas de acordo com critérios prosódicos e pragmáticos: enunciados e unidades entonacionais. A partir de exemplos, procura-se demonstrar como a segmentação da fala em enunciados e unidades entonacionais está relacionada a uma estruturação textual mais ou menos complexa e à realização de diferentes funções comunicativas, que podem ser a de veicular uma força ilocucionária, a de atuar na composição semântica do texto, ou a de regular a interação entre interlocutores. Demonstra-se a relação entre tais unidades e a tendência da estruturação textual/semântica em monólogos e ilocucionária/pragmática em diálogos. A análise de dois textos a partir do levantamento das frequências das unidades de referência próprias da modalidade falada demonstra a possibilidade de quantificar diferenças qualitativas encontradas em diálogos e monólogos.

PALAVRAS-CHAVE: diálogo; monólogo; fala informal; pragmática.

ABSTRACT: This paper uses data from an informal speech corpus to investigate differences among dialogic and monologic communicative events. This research claims for an analysis from specific reference units of the spoken modality, defined according to prosodic and pragmatic criteria: the utterance and intonational units. We look at examples to demonstrate how the segmentation of speech into utterances and intonation units is related to a more or less complex textual structure and to different communicative functions, which can be to convey an illocutionary force, to perform semantic composition of the text, or to regulate the interaction among interlocutors. This study demonstrates the relationship between such units and the overall tendency of a more textual/semantic structuring in monologues and a more illocutionary/pragmatic structuring in dialogues. The analysis of two texts based on the frequency of the speech reference units shows the possibility of quantifying qualitative differences found between dialogues and monologues.

KEYWORDS: dialogue; monologue; informal speech; pragmatics.

1. Introdução

Este trabalho apresenta algumas reflexões acerca da estruturação e da complexidade textual de monólogos e diálogos falados a partir da análise de uma transcrição considerada típica de cada tipologia. Os dados são oriundos de um *corpus* de fala espontânea informal. Este estudo se insere no âmbito dos estudos de *corpora* e da análise linguística baseada no uso, uma

* Doutora em Linguística (UFMG).

vez que procura quantificar características qualitativas de diálogos e monólogos, demonstrando a possibilidade de tal descrição estatística, o que é extremamente relevante para o tratamento de grandes volumes de dados.

Nos estudos linguísticos, o termo diálogo é frequentemente compreendido num sentido amplo, de “fala que circula e se troca” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004). O monólogo, por sua vez, é compreendido como um discurso que é dirigido ao próprio sujeito que o enuncia, ou ainda como um discurso construído por apenas um sujeito, mas dirigido a outros, que não respondem e então não participam da construção do texto, troca caracterizada pela ausência da alternância de turnos (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004). De modo geral considera-se o turno conversacional como sendo cada intervenção de cada interlocutor na construção do diálogo, sem restrições quanto à extensão da intervenção (GALEMBECK, 1995)¹. Tal compreensão vaga do termo diálogo não fornece base para distingui-lo do monólogo e nem para identificá-lo como uma tipologia de elaboração do discurso falado. A alternância de turnos aparece como um critério operacional, mas, como será demonstrado nesse trabalho, não é o único e nem mais importante critério para identificar um diálogo e um monólogo conforme os termos aqui propostos. Com isso, a questão sobre quais são as características linguísticas constitutivas de cada tipologia permanece.

Muitos estudos utilizam o termo “diálogo” para toda situação na qual há interação entre interlocutores. “A simples presença do ouvinte (participação implícita), já o caracteriza como agente da conversa” (SILVA, 2001, p. 131). Se esse é o caso, então não pode existir monólogo na fala espontânea, pois a interação é uma característica constitutiva de toda conversa face a face. Brait (1995), por sua vez, considera que também os destinatários indiretos de uma mensagem têm um papel importante para a dinâmica da interação. Dado que todo evento comunicativo, seja espontâneo ou não, implica em algum tipo de interação entre emissor e destinatário, conclui-se que não pode existir o monólogo enquanto tipologia conversacional.

A questão terminológica é um debate aberto e complexo. Neste trabalho, partimos de uma proposta que visa fornecer definições operacionais para os termos “diálogo” e “monólogo”, no sentido de classificar eventos comunicativos em um grupo em que os aspectos pragmáticos se sobressaem (diálogo), de outro grupo em que os aspectos semânticos se

¹ O conceito de turno será melhor discutido na seção 3.

sobressaem (monólogo). Além disso, pretende-se demonstrar que tal classificação é possível sem que seja necessária uma análise do tópico conversacional.

Para compreender e descrever a tipologia dialógica e a monológica tal como ocorrem nos contextos naturais de uso, empregam-se, neste estudo, os pressupostos teórico-metodológicos (*Teoria della Lingua in Atto*²) desenvolvidos pelo grupo do laboratório linguístico do Departamento de Italianística da Universidade de Florença (Lablita). Tais pressupostos foram desenvolvidos a partir de um amplo estudo empírico da fala espontânea, realizado a partir de *corpora* de fala adulta e infantil. A perspectiva dos trabalhos do grupo é *corpus driven*, ou seja, o linguista é comprometido com a integridade dos dados como um todo, e as descrições têm como propósito ser abrangentes com relação à evidência obtida no *corpus*. Todas as afirmações teóricas devem ser um reflexo direto da evidência provida pelo *corpus*, e os exemplos são considerados tal como ocorrem no *corpus*, sem sofrer ajustes para que se encaixem em categorias predefinidas (TOGNINI-BONELLI, 2001).

Este texto está organizado do seguinte modo: Em primeiro lugar, apresentam-se as características relevantes do *corpus* de onde foram extraídos os dados utilizados para a análise, bem como dos demais exemplos empregados no texto. A seção seguinte detalha o processo de identificação das unidades de referência da fala, tal como proposto pela linha teórica adotada neste trabalho: turnos, enunciados e unidades entonacionais. Na sequência, são apresentados e exemplificados os tipos principais de funções comunicativas empregadas nos enunciados falados. É realizada uma análise da composição de um texto monológico e um texto dialógico no que se refere às frequências das categorias e das funções comunicativas apresentadas nas seções anteriores.

2. O *corpus* e os dados da pesquisa

Os textos analisados e os dados sumarizados nas seções seguintes são oriundos do *corpus* C-ORAL-BRASIL I, um *corpus* de referência para o português brasileiro falado informal (RASO; MELLO, 2012). Trata-se de um *corpus* representativo da variação diafásica (situacional). O C-ORAL-BRASIL I é composto por 139 gravações que totalizam 208.130 palavras, equivalentes a 21h 8min de gravação (cada gravação tem, em média, 1.500 palavras). As gravações estão organizadas em duas seções, conforme tenham sido realizadas em contexto

² A *Teoria della Lingua in Atto* foi primeira e detalhadamente proposta na obra *Corpus di Italiano Parlato* (CRESTI, 2000).

familiar/privado (80% do *corpus*) ou público (20% do *corpus*). Cada seção é subdividida de acordo com o tipo da interação, conforme as seguintes definições:

- a) Conversação: resultado da interação na qual há participação ativa e contribuição linguística representativa de três ou mais sujeitos;
- b) Diálogo: resultado da interação na qual há a participação ativa e contribuição linguística representativa de dois sujeitos;
- c) Monólogo: resultado de uma interação em que há produção linguística representativa de um único falante, em uma situação em que um dos falantes desenvolve um texto complexo.

Esse *corpus* apresenta algumas vantagens importantes em relação a outros *corpora* e bancos de dados disponíveis para o português brasileiro. Em primeiro lugar, compõe-se de gravações de eventos comunicativos em situação natural, não controlada, com pouca ou nenhuma participação de pesquisador estranho aos participantes e/ou ao contexto da interação gravada. Com isso, está representada no *corpus* uma gama bastante abrangente de situações cotidianas (RASO; MELLO, 2009), a partir das quais é possível derivar explicações mais abrangentes sobre a organização dos eventos de fala espontânea do que seria possível tendo como base somente entrevistas ou diálogos pseudo-espontâneos³.

Em segundo lugar, o *corpus* oferece não apenas a transcrição das situações gravadas, mas também o som, com boa qualidade acústica. O mais importante é o fato de ser possível acessar simultaneamente a transcrição e o som correspondente, trecho a trecho, através da interface computacional WinPitch (MARTIN, 2013). Também é possível acessar o som e as transcrições através da ferramenta para pesquisas online IPIC (IPIC, 2012).



Em terceiro lugar, a transcrição busca representar fenômenos típicos da fala, tais como formas não padrão, contrações e diversos fenômenos fonéticos no nível da palavra, bem como representa as fronteiras prosódicas da fala através de um sistema de notação simples e legível (MELLO, H. R.; RASO, 2009; MELLO, H. *et al.*, 2012; MONEGLIA; CRESTI, 1997; RASO; MELLO, 2012). Toda a transcrição passou por um processo de validação (FORSØE; JONGEJAN; OLSEN, 2006; HEUVEL *et al.*, 2008), seja quanto à fidedignidade do texto com

³ Por diálogo pseudo-espontâneo entendem-se os eventos comunicativos, relativamente comuns em *corpora* de língua falada, em que duas ou mais pessoas (normalmente, uma delas é o pesquisador) são colocadas juntas e é oferecido um tópico de discussão para que produzam um diálogo que é, então, gravado. Tal situação é artificial e tem pouca chance de ocorrer naturalmente na vida cotidiana. Um diálogo espontâneo, por outro lado, é fortemente ancorado na situação que leva duas ou mais pessoas a se comunicarem, como quando, por exemplo, os interlocutores se reúnem para realizar algum tipo de tarefa em conjunto.

relação ao som, como também quanto aos critérios de transcrição das formas não padrão. A anotação das fronteiras prosódicas passou por um processo complexo de validação que garante a uniformidade e consistência da aplicação dos critérios de segmentação (CÔRTEZ *et al.*, 2011; MELLO, H. R.; RASO, 2009; MITTMANN *et al.*, 2010; MONEGLIA *et al.*, 2010; RASO; MELLO, 2012; RASO; MITTMANN, 2009)⁴.



As transcrições do C-ORAL-BRASIL I utilizam o padrão CHAT (MACWHINNEY, 2000), ao qual foram acrescentadas algumas modificações para a anotação das fronteiras prosódicas (MONEGLIA; CRESTI, 1997), conforme o padrão já adotado pelos corpora C-ORAL-ROM (CRESTI; MONEGLIA, 2005), com os quais o C-ORAL-BRASIL I é comparável. A anotação das fronteiras prosódicas foi realizada com base na percepção dos transcritores e envolveu o registro de diferentes tipos de fronteira prosódica⁵, conforme mostra o Quadro 1.

Quadro 1: Tipos de fronteiras prosódicas e simbologia utilizada na transcrição do C-ORAL-BRASIL I

Fronteira prosódica	Avaliação perceptual	Símbolo
Fronteira terminal (limite de enunciado)	Limite de uma sequência linguística concluída prosodica e pragmaticamente; segmento completamente autônomo/interpretável na situação comunicativa. 	//
	Ex. (a): *GUI: é a terceira // vão lá // foi // isso // (bpubdl03)	
Fronteira não terminal (limite de unidade entonacional)	Interrupção do discurso pelo próprio falante ou por interlocutor, limite de segmento incompleto prosodica e pragmaticamente. 	+
	Ex. (b): *GIL: não / e o Durepox / eu vou + tinha um &car + (bfamcv01)	

⁴ Por se tratar de um trabalho manual, naturalmente há a ocorrência de erros. A validação assegura que a quantidade de erros de transcrição e segmentação não ocorra acima de uma margem considerada aceitável.

⁵ A fronteira prosódica não deve ser confundida com a pausa. A pausa (silêncio) é uma das formas de sinalizar uma fronteira prosódica, mas não é a única possibilidade. Variações perceptíveis na frequência fundamental, intensidade da voz e velocidade de elocução são alguns dos parâmetros que codificam uma fronteira prosódica.

	 Ex. (c): *BAL: quando sai / nũ é stop // (bfamdl032)	
	Disfluência no discurso devida a problemas de execução da fala, em que normalmente o falante se corrige e repete alguma parte da locução (<i>retracting</i>). O número indica o número de palavras envolvidas no fenômeno.  Ex: (d): *ROG: aqui já tá dando [4] <u>aqui já tá dando</u> a altura // (bpubmn01)	[n°]

Exemplos extraídos do DVD do C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012). Arquivos de áudio fornecidos como documentos suplementares.

É importante observar que os critérios de segmentação acima são de natureza prosódica e pragmática, e não lógico-sintática. Sequências “incompletas” do ponto de vista lógico-sintático são frequentes na fala espontânea e podem constituir sequências linguísticas completas e concluídas do ponto de vista prosódico e interpretáveis do ponto de vista pragmático (MONEGLIA, 2011). Esse critério será discutido em detalhe na seção seguinte.

As fronteiras prosódicas de tipo terminal marcam os limites das unidades mínimas de composição dos textos falados, os enunciados, conceito que será mais detalhado adiante⁶. Se analisarmos um texto escrito, quanto maiores forem os períodos, em número de palavras, tendencialmente maior será a sua complexidade estrutural, em termos, por exemplo, da ocorrência de fenômenos como coordenação, encaixamentos e subordinação. Pode-se formular a hipótese de que, de modo análogo, quanto mais longos forem os enunciados de um texto falado, mais complexos estruturalmente serão. Logo, o número de palavras pode, em princípio, ser usado como medida da complexidade de um texto, desde que conhecidas as suas condições de produção.

A Tabela 1 mostra um resumo do total de palavras e de enunciados nas conversações, diálogos e monólogos do *corpus* C-ORAL-BRASIL I, bem como o cálculo do número médio de palavras por enunciado em cada tipologia de interação. Observe-se que, em termos de número de palavras, os três tipos de interação estão balanceados, com 66.434 palavras nas conversações (31,9%), 73.358 palavras nos diálogos (35,2%) e 68.338 palavras nos monólogos

⁶ Fazendo-se uma analogia com corpora de língua escrita: um enunciado está para um texto falado assim como o período está para um texto escrito.

(32,8%). Já as proporções de enunciados em cada tipo de interação são muito semelhantes entre conversações e diálogos, com, respectivamente, 12.975 (38%) e 13.981 (40,9%) enunciados, porém distantes dos monólogos, que apresentam 7.211 (21,1%) de enunciados.

Tabela 1: Número de palavras, de enunciados, em valores absolutos e percentuais, e média de palavras por enunciado nas seções do C-ORAL-BRASIL I

Tipo de interação	Palavras		Enunciados		Média de palavras por enunciado
	nº	%	nº	%	
Conversações	66434	31,9%	12975	38,0%	5
Diálogos	73358	35,2%	13981	40,9%	5
Monólogos	68338	32,8%	7211	21,1%	9
Total	208130	100%	34167	100%	6

Dados brutos extraídos do DVD C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012).

Naturalmente, a média de palavras por enunciado expressa bem a semelhança entre conversações e diálogos e sua distância com relação aos monólogos. Essas características ficam mais evidentes se observarmos as médias de palavras por enunciado de todas as gravações do *corpus*, conforme mostra o Gráfico 1. Vê-se que, além de apresentar valores médios semelhantes (de palavras por enunciado), essas médias nas conversações e nos diálogos são muito mais uniformes, apresentando uma variação bem menor do que a observada nos monólogos.

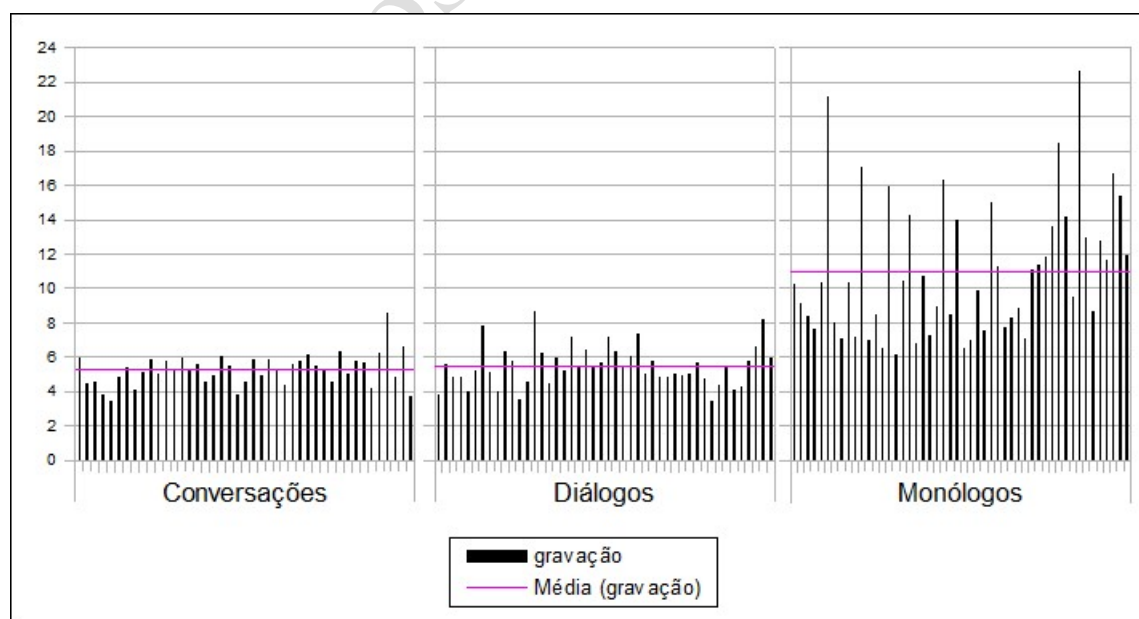


Gráfico 1: Média de palavras por enunciado nas gravações do C-ORAL-RBASIL I por tipo de interação.

A partir desses dados assume-se que, em termos de estruturação dos enunciados, é pouco provável que haja diferenças importantes entre conversações e diálogos. Devido a isso, neste trabalho decidiu-se por considerar as conversações e diálogos como um único grupo homogêneo (dialógico). É importante ressaltar que, devido ao maior número de participantes, as conversações apresentam maior disputa de turnos e, com isso, há maior presença de falas sobrepostas. Assim, para simplificar a discussão e eliminar possíveis elementos confundidores, justifica-se que, para a análise qualitativa, tenha sido elegido um diálogo e não uma conversação.

Ao mesmo tempo, o Gráfico 1 mostra que, na fala informal, o monólogo é um tipo que apresenta grande variação em termos de como estão estruturados os enunciados. É preciso lembrar que se trata de um *corpus* de fala informal gravada em situações do cotidiano, portanto, sempre existe interação entre o monologante e seus interlocutores. A interação é um fenômeno sociocultural e faz parte de todo ato de linguagem (BRAIT, 1995). Devido a isso, há monólogos cuja média de palavras por enunciado assemelha-se a alguns dos diálogos ou das conversações, e isso é provavelmente devido às características da situação gravada e particularidades dos interlocutores. Por outro lado, há vários casos extremos, em que as intervenções dos ouvintes são mínimas, produzindo um texto que poderia ser considerado um monólogo “perfeito”. Como o objetivo deste recai sobre a estruturação dos enunciados em diálogos e monólogos da fala espontânea informal, não foram escolhidos exemplos com características extremas para a análise, mas sim dois fragmentos representativos da fala informal dialógica e monológica de modo mais geral.

3. Unidades naturais de estruturação dos textos falados: turno, enunciado, unidade entonacional e estrofe

Até não muito tempo atrás, eventos de fala complexos, como o discurso, só podiam ser analisados com base exclusiva em seu registro escrito. Com isso, os estudos realizados estavam limitados a verificar a existência, no discurso falado, de estruturas idênticas às encontradas nos textos escritos. Entretanto, atualmente, a tecnologia vem permitindo o registro e a recuperação do som. Equipamentos de gravação portáteis e sem fio, o desenvolvimento de mídias digitais de grande capacidade, o aumento do desempenho em termos de processamento e memória dos computadores pessoais com custos cada vez mais acessíveis permitiram o desenvolvimento de novas técnicas e instrumentos de análise, propiciando aos pesquisadores a exploração de dados

de fala produzidos fora de laboratório e em contextos naturais diversificados. O avanço tecnológico foi fundamental, pois com o som disponível, o pesquisador não mais se limita a investigar os elementos linguísticos facilmente codificados através de representações gráficas, que capturam bem os fenômenos do nível segmental da linguagem, mas pode também considerar em sua análise informações do nível suprasegmental.

No escopo deste trabalho, considera-se que o som é uma propriedade constitutiva da fala, logo, é importante analisar a fala tomando como base o dado acústico, não apenas a transcrição. Na comunicação, qualquer tipo de código é, necessariamente, limitado pelas possibilidades que o meio e o canal de difusão apresentam. Pelo fato de ser transmitida pelo som, a fala desenvolve-se linearmente no tempo, está condicionada às limitações da memória humana, apresenta pouca possibilidade de reelaboração (por exemplo, não se pode “apagar” aquilo que já foi dito, apenas tentar rephrasear). Considere-se a seguinte sequência de fala espontânea, realizada em situação natural (extraída do *corpus* C-ORAL-BRASIL I), apresentada sem qualquer anotação em (1).



(1) não não acho que aquilo tem que fazer um ponto (bfamd126)⁷

Em relação à presença de duas partículas de negação em sequência, pode-se formular, ao menos, duas hipóteses de interpretação: (1a) O primeiro “não” funcionaria como uma resposta ao interlocutor e não está relacionado ao segundo. O segundo “não” estaria operando sobre o verbo “acho”, produzindo uma sentença negativa. (1b) Tanto o primeiro quanto o segundo “não” são uma resposta ao interlocutor. Nenhum deles opera sobre o verbo “acho”, produzindo uma sentença afirmativa.

(1a) Não. Não acho que aquilo tem que fazer um ponto.

(1b) Não, não. Acho que aquilo tem que fazer um ponto.

⁷ A informação entre parênteses refere-se ao nome do arquivo que contém o exemplo, fornecido como documento suplementar. Neste exemplo, há dúvida quanto à transcrição da palavra “aquilo”, que pode ser ouvida como “aqui”. Na fala representada no corpus, são muito comuns os fenômenos de apócope, e o contexto anterior sugere que a forma empregada pela falante seja “aquilo” (o que não exclui a possibilidade de erro de transcrição).

Se for levada em consideração apenas a dimensão morfossintática, de que maneira seria possível identificar o escopo da negação em tal caso? Entretanto, ao escutar a gravação do exemplo, não se tem nenhuma dúvida sobre a interpretação adequada, nesse caso, a opção (1b).

Em face da massa fluida que é a fala, uma tarefa fundamental do pesquisador é identificar as unidades de análise, que poderão variar de acordo com o escopo do trabalho: estruturas menores que a palavra, a própria palavra, estruturas maiores do que palavra. Qualquer uma dessas opções traz seus desafios para o pesquisador que quer compreender a fala espontânea. Contudo, este trabalho concentra-se sobre a identificação de unidades de referência maiores do que a palavra.

Conforme argumenta Moneglia (2011), na língua escrita, é clara a identificação de unidades linguísticas maiores do que a palavra (unidades da estrutura argumental, sentenças, orações, termos nucleares e dependentes), pois a língua escrita pode tranquilamente ser segmentada de acordo com critérios sintático-semânticos. Na fala, pelo contrário, é muito difícil utilizar esses mesmos critérios para identificar unidades de referência. “Na língua falada as frases se apresentam mais independentes umas com relação às outras, e sua identificação e classificação funcional constitui problema de difícil solução” (RODRIGUES, 1995, p. 22). Evidências de *corpora* orais têm mostrado que uma parte significativa dos eventos de fala não apresentam um verbo e não podem ser analisadas conforme parâmetros sintáticos empregados facilmente na escrita (BIBER *et al.*, 1999; CRESTI, 2005; RASO; MITTMANN, 2012). Se a complexidade na escrita pode ser facilmente medida em termos da ocorrência de certas estruturas sintáticas, na língua falada isso parece ser mais complicado. Porém, se tomarmos o dado acústico como ponto de partida, essa tarefa torna-se um pouco mais simples, como demonstrado pelo exemplo anterior.

Em uma primeira instância, o elemento da comunicação face a face que se percebe de maneira mais natural é o turno dialógico, caracterizado pela alternância nos papéis falante-ouvinte dos interlocutores. O turno conversacional é definido como cada intervenção de cada interlocutor na construção do diálogo, sem restrições quanto à extensão da intervenção (GALEMBECK, 1995).

Conforme Galembeck (1995), os interlocutores podem interagir em uma relação simétrica ou assimétrica no tocante à sua participação na conversa. Para definir a simetria ou assimetria, utiliza-se o conceito de “tópico conversacional” definido como o assunto sobre o qual se fala. Em uma conversação simétrica, cada interlocutor contribui de forma efetiva para

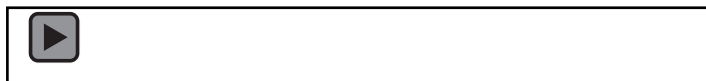
o desenvolvimento do tópico conversacional; os interlocutores tem um objetivo comum de discutir acerca do mesmo tópico e expor seus pontos de vista. Na conversação assimétrica, há predomínio de um dos interlocutores (identificado como “falante”) no desenvolvimento do tópico conversacional, na forma de turnos com valor referencial nítido (turno nuclear). O outro interlocutor (identificado como “ouvinte”) realiza intervenções “secundárias” em relação ao tópico conversacional, enfraquecidas de conteúdo referencial e que sinalizam que o ouvinte está acompanhando a conversação (turno inserido). Percebe-se que o conceito de “tópico conversacional” é fundamental no entendimento de turno, conforme proposto em Galembeck (1995). Em uma relação de simetria, os interlocutores alternam-se realizando turnos nucleares que contribuem para o desenvolvimento de um mesmo tópico. Já em uma situação de assimetria, pode ocorrer que o falante desenvolva um único turno nuclear entrecortado por turnos inseridos do ouvinte. Esse fenômeno é chamado de “turno em andamento”, o que significa que o turno do falante é entrecortado por turnos inseridos (não nucleares) do interlocutor.

Em realidade, tal “fragmentação” do turno é, muitas vezes, um subproduto da transcrição. Isso porque não existe, muitas vezes, uma real alternância entre as falas dos interlocutores. As falas de falante e ouvinte, em uma situação de assimetria, são, muitas vezes, cotemporâneas, ou, até mesmo, sobrepostas. Os turnos inseridos tendem a ocorrer em paralelo ao desenvolvimento do turno nuclear. Naturalmente, a transcrição lineariza os eventos de fala de modo que se tem uma falsa impressão de alternância de falas.

Percebe-se aí uma dificuldade em utilizar o turno como unidade de referência. Visto que seu conceito está atrelado à noção de tópico conversacional, seria necessária uma análise do conteúdo de um texto para definir quantos e quais são os turnos que o compõe, e a anotação dos tipos de turnos gera ainda mais uma dificuldade na transcrição da fala. Conforme defende Cresti, o turno dialógico não pode ser considerado a unidade de referência da língua falada. Isso se deve ao fato de que o turno não é delimitado em termos linguísticos: não há marcas codificadas linguisticamente que definem o início e o fim de um turno, a interpretação de tais eventos é de ordem cognitiva e não linguística (CRESTI; GRAMIGNI, 2004).

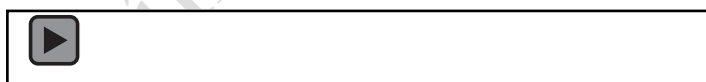
A consideração das propriedades entonacionais da fala lança luz sobre esta questão. As variações na melodia da fala, associadas a variações de intensidade e de velocidade de elocução (ou seja, a prosódia) produzem o efeito acústico de segmentação (*parsing*) da fala em unidades

discretas. A prosódia, então, nos fornece um critério linguístico operacional para segmentar o fluxo da fala. Observe-se o exemplo (2).



(2) *BRU: não // assim // (bfamcv04, 195-196)⁸

O exemplo (2) foi extraído de uma gravação em que quatro participantes, dois rapazes (LUC e CEL) e duas moças (BRU e HEL), estão jogando “Imagem e Ação”. O exemplo (2) refere-se ao momento em que uma das participantes (BRU) explica para a outra (HEL) as regras do jogo Imagem e Ação, mostrando que tipo de gestos são permitidos durante o jogo. Conforme pode ser verificado pela oitiva das gravações, em (2), o envelopamento prosódico permite interpretar que “não” e “assim” são independentes entre si. Cada unidade delimitada pela barra dupla na transcrição corresponde a uma locução autônoma do ponto de vista comunicativo. Basta escutar cada unidade em isolamento para verificar que ambas são unidades melodicamente concluídas e interpretáveis em isolamento. É possível identificar dois eventos de fala distintos: primeiro, a falante BRU está, provavelmente, dando uma resposta à interlocutora HEL. Depois, BRU fornece uma instrução e/ou mostra algo à interlocutora HEL. O mesmo critério perceptual pode ser aplicado a sequências maiores. Veja-se o exemplo (3), extraído da mesma gravação, em trecho posterior.



(3) *BRU: então é objeto //

*CEL: objeto //

*BRU: tem um ali que é o mais difícil // lazer // (bfamcv04, 412-416)

Com base na segmentação natural produzida pelos falantes através da prosódia, identificam-se as unidades de referência da fala utilizando um critério linguístico (a prosódia). Ademais, também se estabelece uma relação direta entre a unidade prosodicamente delimitada com as ações comunicativas. Estabelecer essa relação é importante, já que a fala espontânea é sempre motivada pela situação comunicativa, na qual estão presentes duas ou mais pessoas que

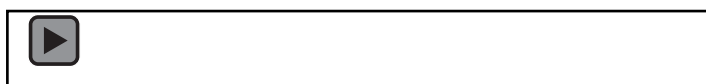
⁸ As informações entre parênteses referem-se, respectivamente, ao nome do arquivo no corpus C-ORAL-BRASIL I de onde foi extraído o exemplo, seguido do intervalo de enunciados, tal como visualizado no alinhamento do texto com o som através do software WinPitch.

interagem. Conforme Brait (1995, p. 195), “os falantes não somente trocam informações e expressam ideias, mas também, durante um diálogo, constroem juntos o texto”. A partir da interação entre os interlocutores em uma dada situação é que emerge o discurso falado (CRESTI; SCARANO, 2000; NENCIONI, 1983), e essa interação, do ponto de vista linguístico, é caracterizada pelas ações comunicativas do falante em relação ao ouvinte.

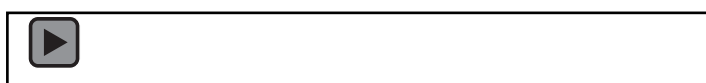
Note-se que as unidades delimitadas prosodicamente nos exemplos (2) e (3) também correspondem às ações realizadas pelos falantes (resposta, instrução, asserção, etc.), ou seja, tais unidades expressam atos de fala (AUSTIN, 1962). De acordo com a tradição austiniana, o ato de fala é a unidade básica da comunicação, sendo formado por locução, ilocução e perlocução. Já é bem estabelecido o papel da prosódia como forma de codificar valores ilocucionários na língua falada. Também é muito fácil demonstrar que uma mesma locução pode expressar ilocuições muito diferentes, como uma ordem e uma pergunta, por exemplo. Chega-se assim ao conceito de enunciado, definido enquanto componente linguístico do ato de fala (ou seja, a locução). Um enunciado é toda e qualquer sequência linguística que se apresente como suficiente e autônoma do ponto de vista pragmático. Os enunciados são as entidades linguísticas (locuções) que veiculam as ações (ilocuções) em um ato de fala (CRESTI; GRAMIGNI, 2004; CRESTI; MONEGLIA, 2010; CRESTI, 2000).

A segmentação do contínuo fônico em enunciados é, portanto, realizada através de variações prosódicas perceptivelmente relevantes no contínuo da fala, que o dividem em unidades prosódicas discretas e autônomas do ponto de vista comunicativo (MONEGLIA; CRESTI, 1997; MONEGLIA *et al.*, 2010). As fronteiras prosódicas que delimitam os enunciados são chamadas de terminais, pois marcam o limite de uma unidade terminada do ponto de vista perceptual.

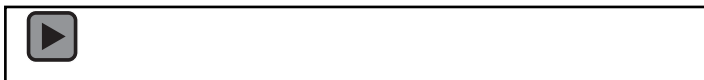
Nem sempre, contudo, o enunciado é realizado em um único envelope prosódico. É muito comum que um único ato de fala seja realizado através de um enunciado que apresenta uma segmentação interna. Vejam-se os exemplos (4), (5) e (6).



(4) *BAL: quando sai / ãũ é "stop" // (bfamdl32, 39)



(5) *JOR: e esse caso / que acontecia / marcava muito // (bfammn06, 33)



- (6) *CAR: a única coisa que eu fiquei muito triste que eu não falo perto dela / Maira / é que / quando fez oito dia que ela tava com a gente / eu / não falo perto dela / porque / isso ela não sabe / é que / &he / a mãe / mandou buscar porque tinha vendido ela por seiscentos reais // (bfammn05, 53)

Nesses exemplos, pode-se perceber que os fragmentos delimitados pela barra simples não representam enunciados completos, pois não são prosódica e nem pragmaticamente autônomos. As fronteiras prosódicas que delimitam unidades menores do que o enunciado são chamadas de fronteiras prosódicas não terminais. As fronteiras prosódicas não terminais delimitam as unidades entonacionais que formam um enunciado complexo (MONEGLIA; CRESTI, 2001).

Assim, verifica-se que um enunciado pode ser formado por apenas uma unidade entonacional (exemplos 2 e 3), ou por duas ou mais unidades entonacionais (exemplos 4, 5 e 6). No primeiro caso, o enunciado é simples, por possuir apenas uma única unidade em sua composição. No segundo caso, o enunciado é complexo, pois é formado por várias unidades.

4. Relação entre entonação e função

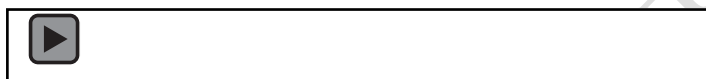
Verificamos que a prosódia delimita dois tipos de fronteiras entre sequências linguísticas: fronteiras que marcam unidades entonacionais prosodicamente autônomas e fronteiras que marcam unidades entonacionais prosodicamente não autônomas. Ao analisar os enunciados que são formados por mais de uma unidade entonacional, como o exemplo (4), é possível notar duas características principais. Primeiro, as unidades que compõem um enunciado complexo, “quando sai” e “nũ é 'stop'”, apresentam um contorno prosódico distinto. Segundo, uma das unidades é autônoma do ponto de vista prosódico e pragmático (“nũ é 'stop'”), ao passo que a outra (“quando sai”), não⁹. A unidade que apresenta autonomia corresponde ao núcleo do enunciado, pois é essa unidade que carrega a força ilocucionária e, portanto, fornece a autonomia pragmática ao enunciado (CRESTI; MONEGLIA, 2010; CRESTI, 2000, 2011).

Isso significa que as unidades entonacionais podem carregar informação que é pragmaticamente autônoma (força ilocucionária) ou informação de outra natureza. A unidade

⁹ Para confirmação dessa afirmação, basta escutar cada unidade em separado.

nuclear do enunciado, que carrega a força ilocucionária, é chamada de Comentário. Essa unidade é realizada com as características prosódicas típicas da ilocução que veicula. Um enunciado formado por apenas uma unidade entonacional corresponde a um enunciado formado pela unidade de Comentário. Se um enunciado tem mais do que uma unidade entonacional, uma delas, obrigatoriamente, será o Comentário, enquanto as demais terão outras funções.

As unidades de um padrão informacional podem ter funções textuais ou dialógicas. Identificam-se como apresentando funções textuais as unidades informacionais que constroem ou agem diretamente sobre o texto, agregando conteúdo referencial e/ou proposicional. As unidades dialógicas são aquelas que operam sobre a situação comunicativa ou sobre o interlocutor, para garantir o bom funcionamento da comunicação. Vejam-se os exemplos (7) e (8):



(7) *TER: **é que ea ganhou tudo** / né // (bfamcv02, 9)



(8) *DUD: pô / Mailton / *eu nã entendo muito de cobra não / mas essa história daí / eu acho que quem matou o cara foi a mulher dele* / hein // (bfammn01, 92)

Nos exemplos, estão sublinhas as unidades que não tomam parte da composição do conteúdo semântico do texto, mas que servem para regular a interação, são chamadas de unidades dialógicas e podem ser associadas ao que outras tradições chamam de marcadores discursivos. As demais unidades (em itálico) desempenham funções relacionadas à elaboração textual e, entre essas, destaca-se, em negrito, a unidade nuclear (Comentário)¹⁰.

Estudos baseados em *corpora* de fala espontânea propiciaram a identificação de seis funções dialógicas (FROSALI, 2008), apresentadas no Quadro 2.

¹⁰ Foge ao propósito deste trabalho apresentar uma descrição das propriedades prosódicas particulares de cada função informacional. Para uma descrição dessas características para o português vejam-se os trabalhos de MITTMANN, 2012; OLIVEIRA, 2012; RASO; GOULART, 2009; ROCHA, 2011; ROCHA, 2012; VALE, 2010.

Quadro 2: Funções dialógicas

Nome	Abreviatura	Função
Incipitário	INP	Abrir o canal comunicativo, ao mesmo tempo, expressar um contraste (oposição) com relação ao enunciado anterior.
Conativo	CNT	Apelar ao interlocutor para que participe do diálogo de modo adequado, ou fazer com que o interlocutor mude seu comportamento não colaborativo.
Fático	PHA	Controlar o canal comunicativo, assegurando sua manutenção, estimular a coesão social necessária durante o diálogo, assegurar que o enunciado tenha sido recebido.
Alocutivo	ALL	Especificar para quem a mensagem é dirigida, manter a atenção do interlocutor.
Expressivo	EXP	Atuar como um suporte emocional para a ilocução, assinalar o pertencimento a uma mesma afiliação social por parte dos interlocutores, marcar a coesão social.
Conector Discursivo	DCT	Unir diferentes porções de discurso (enunciados ou mesmo turnos), ao mesmo tempo, expressar a continuidade do discurso e marcar o tipo de relação lógico-semântica existente entre as unidades

Baseado em (CRESTI, 2000; PANUNZI; GREGORI, 2011).

As principais funções textuais, com exceção da função de Comentário, são apresentadas no Quadro 3.

Quadro 3: Funções textuais

Nome	Abreviatura	Função
Tópico	TOP	Fornecer uma referência cognitiva para o ato de fala, permitir que o ato de fala seja distanciado do contexto extralinguístico da situação para que seja ancorado ao contexto estabelecido linguisticamente
Apêndice de Comentário	APC	Integração textual ao comentário.
Apêndice de Tópico	APT	Informação retardada com relação ao Tópico, adicionar informações mais específicas para o interlocutor.
Parentético	PAR	Adicionar informação metalinguística, expressar um valor modal.
Introdutor Locutivo	INT	Assinalar uma mudança de ponto de vista na sequência subsequente, como o discurso reportado.

Baseado em (CRESTI, 2000; PANUNZI; GREGORI, 2011).

De modo geral, um enunciado é composto de apenas uma unidade de Comentário, porém, é possível que em um enunciado ocorram duas ou mais unidades que carregam uma força ilocucionária. Essa situação é verificada em duas estratégias comunicativas diferentes, descritas na sequência.

Um enunciado pode conter mais de um comentário e ser estruturado na forma de um padrão ilocucionário, em que cada Comentário está unido por um modelo prosódico convencional. Nesse caso, ocorre o que se chama de Comentários Múltiplos (CMM). Isso ocorre quando dois ou mais valores ilocucionários são unidos em um enunciado com vistas a produzir um determinado efeito retórico (PANUNZI; GREGORI, 2011) que não poderia ser realizado de outra maneira, tal como ocorre no reforço, na comparação, nas alternativas e nas listas. Vejam-se os exemplos (9), que apresenta uma alternativa, e (10), que apresenta uma lista.

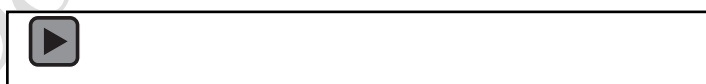


(9) *SIL: **ou é vinho bom caro / ou é cerveja** // (bfamd104, 161)



(10) *EUG: quer dizer / **isso aqui nũ tem outono / nũ tem inverno / nũ tem verão** // (bpubd102, 26)

Outra possibilidade é que os Comentários apresentem valores ilocucionários que não realizam um efeito retórico unitário. Nesse caso, a sequência de Comentários é caracterizada por valores ilocucionários homogêneos (tendencialmente, as ilocuções pertencem a uma mesma classe) e acionalmente fracos (tendencialmente ilocuções da classe dos atos representativos, como asserções). Veja-se o exemplo (11), que é composto por uma sequência desse tipo.



(11) *JOR: nós temos vinte-e-cinco funcionários / dentro de Minas Gerais / atuando / com a base nossa aqui em [1] na capital / e hoje nós tamos / numa média de &future [1] faturamento de um-milhão-e-meio a um-milhão-e-setecentos-mil reais / mês // (bfammn06, 71)

Os Comentários Ligados (COB), como são chamados, representam uma simples junção progressiva de unidades nucleares. Esta estratégia de elaboração do texto falado está relacionada à operação cognitiva de formulação processual do texto (CRESTI, 2000;

PANUNZI; GREGORI, 2011). A rigor, uma sequência linguística composta por Comentários Ligados não é chamada de enunciado¹¹, mas recebe o nome de estrofe (CRESTI, 2009; PANUNZI; SCARANO, 2009).

Diferente do que ocorre no enunciado, cujas unidades nucleares podem ser um Comentário ou Comentários Múltiplos, em uma estrofe, o objetivo principal do falante não é realizar uma ação, tal como fazer um pedido, um agradecimento, um cumprimento, uma declaração, etc.. Na estrofe, o objetivo pode ser narrar uma história, argumentar, descrever, etc. Observa-se, com isso, um deslocamento de uma estratégia de elaboração dialógica e acional (enunciado), mais ancorada na situação e mais dependente da interação entre os participantes, para uma elaboração monológica e textual (estrofe), que é pouco ancorada na situação e é menos afetada pela interação entre os participantes.

5. Constituição de diálogos e monólogos

Uma vez definidas as unidades de referência da fala, resta agrupar uma amostra composta de diálogos e monólogos e analisar as características de cada tipologia para, assim, descrevê-las. Entretanto, ao lidar com dados naturais, em muitos casos, a tarefa de classificar um texto como monólogo ou diálogo pode ser difícil, já que a oposição diálogo/monólogo na fala informal é tendencial, não absoluta. No entanto se queremos estudar as características de cada tipologia, é necessário utilizar um instrumento de classificação. Basear-se no conceito de alternância de turnos não é uma boa solução, já que na fala informal os turnos não são necessariamente uma marca confiável da dinâmica comunicativa, como será demonstrado adiante. Propor uma classe intermediária que englobe os casos duvidosos também não resolve a questão de fundo, pois simplesmente faz desviar de encontrar uma resposta ao problema básico: qual a característica constitutiva daquilo a que chamamos de “diálogo” e daquilo a que chamamos “monólogo”?

Primeiramente, é preciso lembrar que a fala espontânea tem como característica o fato de ser planejada e produzida no momento próprio da interação (NENCIONI, 1983; RODRIGUES, 1995). Segundo Rodrigues (1995, p. 19), uma conversação “se estabelece e se mantém na medida em que exista algo sobre o que conversar”. Desse ponto de vista, o planejamento do discurso falado é orientado, entre outros fatores, pelo tópico conversacional.

¹¹ Isso porque o conceito de enunciado está ligado ao cumprimento de um único ato de fala, logo, à realização de um único valor ilocucionário, seja ele simples ou composto, como no caso dos Comentários Múltiplos.

Segundo a autora, “a conversa sempre gira em torno de um assunto ou tema, condição indispensável para a coerência do produto da conversação, isto é, do texto conversacional” (RODRIGUES, 1995, p. 20).

Naturalmente, o tópico conversacional é um fator importante para o planejamento do discurso falado. Entretanto, os dados sobre os quais foi realizada a análise da autora (inquéritos do NURC), têm como característica serem interações como entrevistas e diálogos pseudo-espontâneos. Como decorrência, não se encontram muitas situações com maior ativação pragmática (em que há predominância de enunciados), e isso, naturalmente, faz sobressair a riqueza do conteúdo semântico e sintático das produções dos falantes (nas quais predominam as estrofes). No presente trabalho, adota-se outra perspectiva, na qual a ativação afetiva é o ponto de partida para a realização de qualquer comunicação e esta é organizada em estruturas linguísticas voltadas para a realização de ações, ou atos de fala. O fundamento pragmático estaria, por assim dizer, no primeiro nível do planejamento do discurso (“que ação irei realizar”). As dimensões semântica e morfossintática participam do planejamento do discurso em termos da organização do conteúdo locutivo dos enunciados.

Também é importante considerar que as ações e reações dos interlocutores em uma situação comunicativa espontânea não são, necessariamente, linguísticas, conforme lembra Silva (2001). Nesse sentido, verifica-se que, para definir o que constitui um diálogo e o que constitui um monólogo não se pode considerar somente a dimensão do turno, pois a divisão de uma interação em turnos, em uma transcrição de fala, pode ser enganosa, como mostra o exemplo (12).



(12) *GUI: volta aqui / faz força // mais // beleza // contrai o abdômen / joga o tronco só um pouquinho pra frente // aí // beleza // descansou // vou baixar um pouquinho mais // vai // pera aí // deixa eu passar a faixa // aí // vai // força // aqui / pra frente // isso // pesado //

*TOM: é / leve nã é não // (bpubdl03, 118-136)

O exemplo (12) é um trecho de uma interação entre um treinador (GUI) e seu aluno (TOM) durante uma aula de musculação. Ao longo de toda a gravação, nota-se que o treinador é o interlocutor que tem a palavra na maior parte do tempo, como ilustra o trecho em (12). Os turnos de GUI tendem a ser longos, sendo apenas interrompidos por breves manifestações de TOM. Contudo, ao avaliar a dinâmica dessa situação, percebe-se que essa apresenta, na

verdade, grande interação entre os participantes. As ações linguísticas de GUI são respondidas por seu interlocutor na forma de ações concretas (não linguísticas). Todos os enunciados de GUI são dirigidos a TOM, e dele se espera uma determinada reação, ou seja, que ele faça algo¹². Se, em um diálogo, o falante ignora as reações do interlocutor, não há cooperação e a comunicação fica comprometida. Neste caso, TOM é colaborativo e a interação entre instrutor e aluno ocorre normalmente, com isso fica evidenciado que a gravação retrata uma situação dialógica. Mesmo que ocorra uma relação de assimetria (em termos de produção linguística) entre os turnos de TOM e de GUI, há uma simetria no que se refere às ações esperadas de cada um na situação.

O inverso também pode ocorrer nos eventos comunicativos espontâneos, isto é, é possível que uma gravação que mostre muita alternância de turnos seja, em verdade, um monólogo. No exemplo (13), note-se que a relação entre falante e ouvinte é muito distinta do que ocorre no exemplo (12). Em (12), cada enunciado de GUI depende da reação de TOM ao enunciado anterior. Já em (13), as interferências de LUC não acrescentam informação ao texto, e a falante DFL segue na construção da narrativa, a qual é pouco afetada pelas intervenções do ouvinte LUC.



(13) *DFL: que o meu avô / era de uma família abastada / porque o professor ia em casa / nã ia po grupo não // ia em casa / o professor / ensinava / a ler / escrever / noções de geografia / história / ciência /

*LUC: hum hum //

*DFL: / aquilo que o / professor achava mais importante // e ele então nã teve / uma escola //

*LUC: <hum hum> //

*DFL: <ele> teve / &he / um professor // que foi em casa / que o instruiu // tinha uma &la [1] caligrafia maravilhosa / <que mamãe> tinha até o cartão dele / mamãe falava que ele tinha um português correto //

*LUC: <hum hum> //

*DFL: mas ele quis que todos os filhos estudassem // formassem //

*LUC: hum hum //

*DFL: o mais velho / &ti [1] &Fla [1] chamava Flaviano + porque a minha bisavó chamava Flávia Augusta //

*LUC: hum hum // (bfammn02, 53-68)

¹² O que seria o componente perlocutório do ato de fala, conforme Austin (1962).

Frequentemente a interação entre o “ouvinte” para com o “falante” é realizada na forma de enunciados que manifestam acordo, como os “humhums” do exemplo (13), equivalentes ao que Galembeck (1995) classifica como “turnos inseridos”, intervenções secundárias em relação ao tópico conversacional e cujo conteúdo referencial é restrito ou ausente. Conforme Silva (2001), em uma conversa face a face, o ouvinte manifesta para o falante sinais que confirmam que está entendendo e que o falante pode prosseguir com a palavra, sinais estes que podem ser não verbais, como sinais com a cabeça ou olhar, e sinais verbais, com o uso de expressões tais como “uhn”, “sim”, “de acordo”. Naturalmente, o falante leva seu ouvinte em consideração na produção do diálogo (SILVA, 2001) e os enunciados são planejados de acordo com o ouvinte, da sua relação com ele e também de outros aspectos do contexto situacional (RODRIGUES, 1995). Porém, conforme mostrado nos exemplos, nos textos classificados como monólogos, um dos interlocutores tem um certo objetivo comunicativo e o desenvolve em uma relação de necessária assimetria com seus interlocutores. Conforme afirma Silva (2001), o ouvinte interfere na fala do monologante com sinais não verbais e verbais, ou seja, o ouvinte também interfere no desenvolvimento da conversa, mas “nem por isso vamos dizer que ele assume papel de falante, pois as breves intervenções do ouvinte não significam que ele se torna, de fato, o detentor da palavra nem assume o comando do diálogo” (SILVA, 2001, p. 131).

A partir daí pode-se entender que a acionalidade de um texto (NENCIONI, 1983) é um parâmetro que determina o tipo de interação entre os interlocutores. A acionalidade é uma propriedade dos textos falados que são fortemente situados e ancorados no contexto extralinguístico imediato. Por esse motivo, tais textos tendem a apresentar uma **grande quantidade e variedade de atos de fala**. Em um discurso com grande acionalidade, em geral, cada enunciado carrega uma ilocução diferente, o que é chamado de princípio ilocutivo (CRESTI, 2000). Em um discurso de baixa acionalidade, de modo geral, um conjunto pequeno e restrito de atos de fala é realizado (sendo comuns sequências de asserções). Quando ocorre o enfraquecimento do princípio ilocutivo, o texto resultante da interação apresenta maior relevância em termos de conteúdo semântico. Ao enfraquecer a dimensão pragmática da interação, o falante precisa se apoiar mais na dimensão semântica do discurso, e a elaboração textual se torna mais complexa, pois há a necessidade de preencher linguisticamente aquilo que não tem como ser interpretado com base nos elementos situacionais.

5.1 Sobre a complexidade de monólogos e diálogos na fala espontânea

Conforme já discutido, há basicamente duas estratégias de elaboração do discurso falado: a dialógica e a monológica. A opção por uma ou por outra estratégia depende do que é imposto pela situação comunicativa. Também já foi mostrado aqui que os monólogos apresentam unidades constitutivas maiores, em média, do que os diálogos (Tabela 1 e Gráfico 1)¹³. Enunciados com maior quantidade de palavras são também mais complexos estruturalmente, pela necessidade de organizar a informação em unidades entonacionais menores, como mostram os exemplos (6), (10) e (11).

Entretanto, o que caracteriza a complexidade nos textos de fala espontânea, considerando-se as suas unidades naturais de referência? Já foi mostrado aqui que existem diferentes possibilidades de estruturação do enunciado: pode ser composto por uma ou mais unidades que carregam força ilocucionária, e pode também apresentar outras unidades, que cumprem outras funções. Com isso, distinguem-se quatro possibilidades de estruturação do enunciado, em complexidade progressiva:

1. Enunciados simples, formados por apenas uma unidade nuclear (Comentário). Neste caso o enunciado não apresenta qualquer outra unidade além da única unidade necessária ao cumprimento do ato de fala entonacional/informacional, como mostrado nos exemplos (2) e (3).
2. Enunciados complexos formados por unidade de Comentário e que também apresentam uma ou mais unidades com funções dialógicas, como no exemplo (7), ou então formados por Comentários Múltiplos, podendo ainda apresentar unidades com funções dialógicas, como no exemplo (7).
3. Enunciados complexos formados por uma unidade de Comentário ou por Comentários Múltiplos e que também apresentam uma ou mais unidades com funções textuais, podendo ou não apresentar também unidades com funções dialógicas, conforme os exemplos (8), (9) e (10).
4. Estrofes, ou seja, entidades linguísticas complexas que contém dois ou mais Comentários Ligados, podendo apresentar ou não outras unidades com funções textuais e/ou dialógicas), como ilustrado no exemplo (11).

¹³ Tomando-se como medida o número de palavras por enunciado.

A partir dessas definições, é possível expressar em valores numéricos as diferenças qualitativas existentes entre diálogos e monólogos.

Se estamos tratando de complexidade textual, os dois primeiros tipos de enunciados apresentados devem ser considerados os que apresentam estruturação mais simples. Esses enunciados apresentam apenas o Comentário como unidade textual, e as unidades com funções dialógicas, que são unidades de regulação da interação, e não contribuem para o conteúdo referencial ou semântico do texto propriamente dito. Já os dois últimos tipos apresentam complexidade maior.

5.2 Análise qualitativa de um diálogo e um monólogo

A análise de dados aqui apresentada foi realizada com base em um trecho de um diálogo e um trecho de um monólogo, ambos extraídos do C-ORAL-BRASIL I, sendo ambos bons representantes de suas tipologias na fala informal e equivalentes em termos de número de palavras. Para o monólogo, utilizou-se a gravação bfammn03, no trecho que cobre os enunciados 1 a 63. Na situação um pai conta à sua família um caso divertido ocorrido com antigos conhecidos, o trecho selecionado comporta essa pequena narrativa completa. Abaixo, segue o trecho analisado, com numeração dos enunciados.

Monólogo bfammn03, 1-63:

*ALO: [1] mas eu vou + [2] mas o caso da dona Elvira / dona Elvira era / conhecida minha há muitos anos lá / era / freguesa minha da loja // [3] sistemática / brava pa diabo // [4] e / e o seu Pedro / o marido dela também / muito bravo também / &s [1] sistemático / um dia ele / já depois do quase setenta ano / resolveu / &a [1] arranjar outra // [5] e [1] e mudou pa outra cidade / vizinha lá // [6] e ranjou outra mulher / e ficou lá // [7] e / passando o tempo lá / e' &cab + [8] aí a pouco ele adoeceu / e morreu o Pedro lá // [9] aí / es vão buscar os filho dele // [10] dá pa buscar o Pedro lá em [2] lá na cidade / pa enterrar na cidade que ele tava // [11] eu nũ vou falar nome da cidade não / só pa nũ [1] nũ compricar a coisa / porque / a dona Elvira tá viva ainda hhh / depois ea fica sabendo disso / e pode querer acertar comigo / então / melhor ficar assim / do jeito que tá aí // [12] tendeu //

*JUL: [13] hhh alguma cidade perdida //

*JOS: [14] <tem> uma cidade aí / na <yyyy> //

*ALO: [15] <é> // [16] <aí / os filho> vão lá buscar // [17] a mulher que ele tá mulher morando com ela / nũ + [18] inventa de não deixar / trazer o [1] o [1] o [1] o corpo //

*ANA: [19] o corpo //

*ALO: [20] mas os filho também nũ são fácil também / juntou os filho todo / foram lá e trouxeram o corpo na força // [21] &pe [1] amarra lá / e trouxeram [1] levaram pa yyy // [22] &a +

*JUL: [23] opa hhh //

*ALO: [24] bom // [25] falei o nome / mas deixa pra lá // [26] aí / chegou lá / a tradição lá / o povo fica na sala // [27] entendeu //

*LUA: [28] ham ham //

*ALO: [29] aí / pôs lá um [1] uns tamboretas / pôs as vela / e tal / pôs o corpo na sala lá e tá lá // [30] todo mundo ali / rodeando / batendo um papo / um / conta um caso / outro conta outro / e tá o [1] o sô Pedro tá lá //

*ANA: [31] no caixão //

*ALO: [32] esticado lá //

*LUA: [33] o detalhe foi o Pedro / né //

*ALO: [34] é // [35] aí / determinada hora lá / tava na hora de sair o [1] o [1] o velório / de ir po cemitério / o filho [2] o filho mais velho vai lá dentro / porque a dona Elvira até então nũ tinha aparecido cá na [2] cá fora / né // [36] vai lá dentro / fala / ô mãe / o' // [37] tá na hora de sair o corpo // [38] de sair o enterro // [39] sio' / precisa de ir lá p' siora despedir // [40] do pai lá / e tal // [41] não / nũ vou lá não // [42] aí ea falou / não / vou lá não // [43] mas ô mãe / mas nũ fica bem / mãe // [44] pensou o [1] o [1] o [1] o + [45] todo mundo aí / vai / agora a siora / &v [1] sai o enterro / sio' nũ vai lá // [46] não / vou lá não // [47] aí / passou um pouquim / o filho / achando que tava errado aquele negócio / voltou lá outra vez // [48] ô mãe // [49] vão lá / mãe // [50] só p' sio' [2] só pa / dar uma satisfação // [51] siora despede lá / e / sai o enterro // [52] ea falou / então [1] então tá certo // [53] eu vou lá // [54] aí / chegou lá / o [1] o caixão tava no meio da sala / ela levou o dedo no [1] no nariz do seu Pedro hhh / e falou / pois é / né / Pedro // [55] eu te falei / né / eu te avisei // [56] ocê nũ quis me ouvir // [57] ocê nũ me ouviu // [58] eu te [1] te avisei / nũ foi // [59] pois é // [60] cê nũ me escutou // [61] agora eu quero que cê vá é pas profunda dos inferno // [62] que lá é que é o seu lugar // [63] aí es / correram depressa / tamparam o caixão / <e> [1] e racharam embora hhh //

Para comparação, selecionou-se um trecho do diálogo que abrangesse o mesmo número de palavras e que também apresentasse um evento comunicativo o mais completo possível. Selecionou-se o diálogo bfamd104, entre os enunciados 49 a 161. Nessa situação, ocorre uma interação principal entre mãe e filha enquanto elas trabalham como domésticas, limpando a cozinha após um almoço. É possível escutar a conversa paralela entre outras pessoas presentes. Abaixo, segue o trecho analisado, com numeração dos enunciados.

Diálogo bfamd104, 49-161:

*SIL: [49] colocar esse aparelho do Tommaso / mesma coisa que tar num Big Brogher // [50] tomara que ele faz é filmagem depois // [51] mas cê já pensou fazer filmagem da gente num banheiro // [52] que tristeza //

*KAT: [53] eu não estou ouvindo //

*GUI: [54] de quem será que são os filhos //

*TOM: [55] vamo pela quantidade de passarinho //

*GUI: [56] xxx //

*TOM: [57] quem tá &co [1] chocando tá aí embaixo // [58] <então o filho> deve

ser deles //
 *GUI: [59] <é essa> // [60] é // [61] aqui tá aberto / o' //
 *KAT: [62] <que que a siora falou> //
 *GUI: [63] <a estreita> //
 *ERN: [64] e se chocou / viu //
 *SIL: [65] <mas / se quiser depois / pode trocar> //
 *ERN: [66] <yyyy> só +
 *SIL: [67] passa o pai de baixo pra cima / e o <de cima pra baixo> //
 *ERN: [68] <yyyy> //
 *TOM: [69] <ah> //
 *GUI: [70] <porque sim> //
 *SIL: [71] viu / Guilherme //
 *KAT: [72] que que sio' falou / mãe //
 *SIL: [73] falei que o Tommaso fez da gente igualzim um Big Brogher // [74] mesma coisa // [75] pensou se filma a gente dentro do banheiro // [76] quem tá jogando //
 *GUI: [77] acho que é a Inglaterra //
 *SIL: [78] cê entende / qual que é // [79] cês vão levar o copos / ou não //
 *TOM: [80] não //
 *SIL: [81] <se for> [2] se for / eu embrulho //
 *ERN: [82] <filho / me escuta> // [83] eu <quero que você> xxx / que eu sou xxx //
 *TOM: [84] <não / não> //
 *ERN: [85] são dezoito //
 *SIL: [86] <&de [1] dezoito> //
 *TOM: [87] <cê viu um xxx> //
 *SIL: [88] aqui tem dezoito // [89] ah então tem que contar //
 *GUI: [90] ai ai // [91] eu acho que o Napoli vai / <xxx> / do diavolo agora //
 *SIL: [92] <sinceramente> que eu nũ sei //
 *ERN: [93] uhn //
 *SIL: [94] conta lá / por favor / pra mim / se tem <isso> //
 *TOM: [95] <cê sabe> qual que é o símbolo do Napoli / né // [96] o asno //
 *SIL: [97] eu achei que era menos // [98] chei que devia ser doze / seis //
 *KAT: [99] o quê //
 *SIL: [100] copos // [101] copos de Urano / que tem aí //
 *KAT: [102] copos de quê //
 *SIL: [103] Urano //
 *KAT: [104] Urano //
 *SIL: [105] é // [106] Urano // [107] Urano // [108] é um negócio que tem / que es fazem na Itália / que custa caríssimo //
 *KAT: [109] mas é aquelas taças verdes //
 *SIL: [110] as verdes //
 *KAT: [111] <aques daqui> é que são taças //
 *SIL: [112] <disseram> + [113] ela falou que tem dezoito // [114] eu nũ sei se tem dezoito ali não // [115] acho que + [116] nũ sei // [117] pode ser que tenha // [118] sei lá // [119] mas nunca contei também // [120] como é que eu vou saber //
 *KAT: [121] <são muitos> copos / ali dentro / que nũ usa / né //
 *SIL: [122] <foi> + [123] isso tudo é herança do tio dela / Kátia //

*KAT: [124] é // [125] nũ era da dona Emília não // [126] <era do tio> / dela //

*SIL: [127] <era do tio dela> // [128] deve ter mais de trinta quarenta ano
cinquenta ano esses trem // [129] mas / sabe que que é isso //

*KAT: [130] ahn //

*SIL: [131] cuidado //

*KAT: [132] ah / mas é claro // [133] ninguém usa // [134] só fica guardado //

*SIL: [135] isso é cuidado // [136] nũ é igualzim de casa de pobre / que tudo que
tem põe pra fora não // [137] tendeu // [138] cuidado // [139] gualzim lá em casa
// [140] um / usa o copo / deixa lá / arrupiado // [141] outro / usa copo / deixa lá //
[142] outro usa / deixa lá // [143] outro usa / deixa lá // [144] quando vê tá a pia
cheia de trem // [145] ninguém tem a mão pa lavar // [146] nũ lava //

*KAT: [147] deixa tudo empilhando //

*SIL: [148] tudo empilhando // [149] aí / quando pega / pega aquea trenheira //

*KAT: [150] ontem eu lavei a cozinha lá em casa // [151] passei / Veja / lá na [1]
no azulejo // [152] do lado do fogão lá //

*SIL: [153] eu acho assim / se a pessoa nũ tem condições de fazer / ele paga pra
fazer // [154] mas faz // [155] tendeu // [156] ô Heliana / o vinho tava bom //

*HRM: [157] tava ótimo // [158] nũ tava ouvindo nada yyy //

*SIL: [159] não / foi até bom // [160] eu ultimamente tô ficando muito chata //
[161] ou é vinho bom caro / ou é cerveja //

As diferenças qualitativas entre os textos são expressas através de estatística descritiva, utilizando-se os valores absolutos e as proporções. A Tabela 2 apresenta as características gerais da amostra.

Tabela 2: Características gerais da amostra

Característica	Monólogo	Diálogo
Duração	00:02:12	00:07:49
Palavras	517	510
Turnos	14	59
Enunciados totais	63	113
Enunciados concluídos	58	109
Unidades entonacionais/informacionais concluídas	164	159
Fenômenos de fragmentação da fala	18	6
Média de palavras por enunciado	8,4	4,5
Média de palavras por unidade entonacional	3,1	3,1
Discurso reportado – número de enunciados	24	0
Discurso reportado – número de palavras	125	0

Primeiramente, nota-se que, para atingir um número semelhante de palavras ao do monólogo, foi preciso selecionar um trecho que cobre mais do que o triplo do tempo do diálogo. Isso porque, em situações dialógicas naturais, a presença de silêncios é normal, enquanto que no monólogo, o falante não pode fazer silêncios muito longos, pois isso prejudica a interação. Em seguida, vemos a diferença na distribuição de turnos, 14 no monólogo e 59 no diálogo. Quanto à distribuição dos turnos, é preciso notar que, no monólogo, ocorre a intervenção dos demais participantes da situação, alterando brevemente a dinâmica comunicativa, nos enunciados 13, 14, 19, 23, 28, 31 e 33. Por essa razão ocorre uma alternância de turnos típica de um diálogo, mas tal fato não chega a descaracterizar o texto como monólogo, conforme a definição aqui utilizada.

Em relação ao número de enunciados, naturalmente o monólogo apresenta um menor número (63) do que o diálogo (113). É interessante notar que os números de unidades entonacionais de ambos os textos são semelhantes (164 no monólogo e 159 no diálogo), o que mostra que a estruturação entonacional/informacional do monólogo é mais complexa do que a do diálogo. Os fenômenos de fragmentação da fala (enunciados interrompidos e *retractings*¹⁴) são proporcionalmente maiores no monólogo do que no diálogo. O monólogo apresenta 18 fragmentações em 63 enunciados, o equivalente a cerca de 28 fragmentações a cada 100 enunciados. Já o diálogo apresenta 6 fragmentações em 113 enunciados, o que equivale a cerca de 5 fragmentações a cada 100 enunciados. O maior número de fragmentações é típico de interações tendencialmente monológicas, por duas razões principais: a necessidade de elaboração textual complexa e a necessidade de manter o turno. É importante no monólogo que o locutor se mantenha falando. Conforme Galembeck (1995), a posição do falante é vulnerável, pois pausas longas podem ser aproveitadas pelo ouvinte para lhe tomar a palavra. Com isso, há também pouco espaço para uma elaboração mais cuidadosa da locução.

O resultado quanto à média de palavras por enunciado confirma a tendência já apresentada na Tabela 1 e no Gráfico 1 para os dados gerais do *corpus*, indicando que os trechos selecionados são bons representantes de cada tipologia. Em relação ao número de palavras por unidade entonacional, tal valor tende a se mostrar constante, observa-se pouca variação, mesmo na comparação interlinguística, conforme já observado em estudos comparativos com outras línguas, a partir de *corpora* comparáveis (RASO; MELLO; MITTMANN, 2012; RASO;

¹⁴ Ver Quadro 1.

MITTMANN, 2012) por ser um parâmetro relacionado a fenômenos fonéticos e fisiológicos da produção de fala.

Os dados relacionados ao discurso reportado refletem o fato de que o monólogo representa uma narração. É importante salientar que o discurso reportado pode aparecer em outras estruturas textuais e também ser encontrado em interações dialógicas, apesar de não ser tão comum em diálogos, que são, por definição, mais situados no “aqui e agora”. O discurso reportado está presente nos enunciados: 36 a 46, 48 a 53, 54 a 62. Nesses trechos, o locutor reproduz os diálogos dos personagens de sua narrativa. A presença do discurso reportado na forma de diálogo distorce em certo grau as medidas observadas para as unidades de referência no monólogo bfamnm03, que seriam mais extremas em termos de enunciados complexos caso não houvesse o discurso reportado. Vejam-se os dados da Tabela 3.

Tabela 3: Frequências de enunciados simples e complexos e distribuição de palavras por tipo de enunciado

Tipos de enunciados	Monólogo				Diálogo			
	Enunciados		Palavras		Enunciados		Palavras	
Enunciados interrompidos	5	7,9%	21	4,1%	4	3,5%	6	1,2%
Enunciados simples	23	36,5%	84	16,2%	74	65,5%	268	52,5%
Enunciados complexos	35	55,6%	412	79,7%	35	31,0%	236	46,3%
Total	63	100,0%	517	100,0%	113	100,0%	510	100,0%

No monólogo, a proporção de enunciados simples, ou seja, enunciados compostos por apenas uma unidade entonacional/informacional, é de 36,5%, menor do que no diálogo, que apresenta 65,5% de enunciados simples. O monólogo apresenta uma proporção de 55,6% de enunciados complexos, logo, tem 24,6% mais enunciados complexos do que o diálogo, com 46,3% de enunciados complexos. Nota-se que essa diferença, embora importante, não é extrema. Isso quer dizer que os enunciados complexos também têm seu papel na estruturação dos enunciados no diálogo. Isso será melhor detalhado adiante.

Se observarmos a proporção de palavras presentes em enunciados simples e complexos, nota-se ainda que, no monólogo, a diferença entre a proporção de palavras em enunciados simples e complexos é extrema: 16,2% das palavras estão nos enunciados simples e 79,7% das palavras estão nos enunciados complexos. Já no diálogo, essa proporção é inversa, mas a diferença não é tão extrema: 52,5% das palavras estão nos enunciados simples e 46,3% das palavras estão em enunciados complexos. Esses valores, associados à proporção de enunciados

simples e complexos de cada tipologia, nos indicam que a estruturação dos enunciados complexos no monólogo e no diálogo deve ser qualitativamente diferente.

Conforme apresentado na seção 5.1, há diferentes graus de complexidade na estruturação dos enunciados não capturados pela divisão simples/complexo. De acordo com o que se mostrou na seção 4, há diferentes tipos de informação que pode ser veiculada em uma unidade entonacional: informação de natureza ilocucionária, informação de natureza textual e informação de natureza dialógica. Viu-se também que as unidades de referência da fala podem ser os enunciados com uma única unidade ilocucionária (Comentário); um padrão ilocucionário (Comentários Múltiplos - CMM); ou então serem estrofes, compostas de uma sequência de Comentários Ligados, sendo essa última característica de um desenvolvimento textual e pouco acional.

Levando-se essas variáveis em consideração, a Tabela 4 detalha as características do monólogo e do diálogo quanto à natureza das unidades que compõem o enunciado¹⁵, em escala crescente de complexidade estrutural.

Tabela 4: Frequências dos tipos de enunciado complexo e distribuição das palavras em cada tipo

Tipos de enunciados	Monólogo				Diálogo			
	Enunciados		Palavras		Enunciados		Palavras	
Complexos - somente Comentário Múltiplo	5	14,3%	28	6,8%	10	28,6%	57	24,2%
Complexos com unidades dialógicas	6	17,1%	33	8,0%	9	25,7%	48	20,3%
Complexos com unidades textuais	5	14,3%	45	10,9%	9	25,7%	66	28,0%
Complexos com unid. dialógicas e textuais	2	5,7%	27	6,6%	4	11,4%	36	15,3%
Estrofes	17	48,6%	279	67,7%	3	8,6%	29	12,3%
Total	35	100,0%	412	100,0%	35	100,0%	236	100,0%

As medidas apresentadas na Tabela 4 traduzem em números a forte tendência de elaboração textual do monólogo, com maior proporção de estrofes (48,6% no monólogo versus 8,6% no diálogo), ao passo que, no diálogo, o tipo de estrutura complexa mais frequente é, justamente, a mais simples possível: enunciados formados por Comentários Múltiplos, sem a

¹⁵ Para a contagem de cada tipo de enunciado, utilizou-se uma versão da transcrição na qual cada unidade entonacional foi etiquetada conforme a sua função informacional (as funções foram apresentadas nos Quadros 2 e 3). Tal versão está disponível para consulta na plataforma IPIC (2012). Para detalhes sobre o corpus etiquetado, veja-se (MITTMANN; RASO, 2012).

presença de outras unidades (dialógicas ou textuais). Esse tipo de enunciado ocorreu em uma proporção de 28,6%, comparada a 14,3% do monólogo.

No monólogo, a ocorrência de enunciados complexos formados por Comentários Múltiplos (14,3%) e de unidades dialógicas (17,1%) se justifica devido à presença de discurso reportado, no qual o locutor busca representar a fala dialógica dos personagens da narrativa. Note-se que a proporção de palavras nos enunciados de configuração mais simples no monólogo (6,8% e 8%) é bem inferior do que a proporção de palavras presentes nos enunciados de configuração mais simples no diálogo (24,2% e 20,3%).

Em síntese, verifica-se que é possível extrair medidas de textos falados que são representativas e descritivas da sua organização textual, sem a necessidade de se recorrer a uma análise de seu conteúdo. Esse tipo de avaliação é relevante, na medida em que permite que sejam elaborados métodos de análise automática de textos, baseados em critérios elaborados a partir de unidades naturais da fala. Com isso, torna-se possível a análise de um grande volume de dados, o que seria impraticável a partir de uma análise de conteúdo.

6. Considerações finais

Os estudos da organização e estruturação dos textos, em grande parte, baseiam-se em uma tradição iniciada através da análise de textos escritos. Nada mais natural, já que eventos linguísticos complexos, como o texto ou o discurso, até recentemente, somente podiam ser analisados a partir de seu registro escrito. A partir daí surgiram métodos e categorias de análise capazes de explicar os fenômenos da linguagem passíveis de serem capturados na modalidade escrita, tais como coesão, referenciação, concordância, presença ou ausência de certas categorias sintáticas. Ao analisar textos escritos e falados sob a mesma perspectiva, corre-se o risco de perder ou disfarçar as particularidades do discurso falado. Por essa razão, argumentou-se neste trabalho sobre relevância de se utilizar como parâmetro de análise da fala as unidades naturais de sua composição: enunciados, estrofes e unidades entonacionais, enquanto que a alternância de turnos pode ser uma medida enganosa.

A partir da análise fundamentada nessas categorias foi possível verificar, como traço geral distintivo entre as tipologias, a presença de maior complexidade na estrutura das unidades de referências nos monólogos e menor complexidade nos diálogos. As diferenças de estruturação e complexidade em diálogos e monólogos são um produto da acionalidade presente na situação.

Percebe-se também que a dinâmica da situação comunicativa, e não exatamente o número de participantes que constroem o texto, desempenha um papel fundamental na estruturação dos textos falados, e influencia a ocorrência da tipologia dialógica e monológica. Situações em que a interação entre os participantes é pouco ancorada no contexto imediato tendem a produzir enunciados mais complexos e mais ricos no nível semântico. Por outro lado, textos muito ancorados situacionalmente tendem a apresentar enunciados mais simples, sendo mais ricos no nível pragmático.

Demonstrou-se que as medidas de frequências das unidades de referência refletem as diferenças qualitativas entre monólogos e diálogos. A quantificação desse fenômeno e sua sumarização em dados estatísticos permite estabelecer referências importantes para o desenvolvimento e o aprimoramento de ferramentas de análise automática de textos falados.

Referências

- AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- BIBER, D. et al. **The Longman Grammar of Spoken and Written English**. Harlow-Essex: Pearson Education, 1999.
- BRAIT, B. O processo interacional. In: PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais**. 2a. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1995. p. 189–214.
- CÔRTEZ, P. O. et al. A convergência entre anotadores na segmentação prosódica do corpus C-ORAL-BRASIL. Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala, 3, 2011, **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 55–61. Disponível em: http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_coloquio/index. Acesso em: 12 dez. 2013.
- CRESTI, E. **Corpus di Italiano parlato**. Firenze: Accademia della Crusca, 2000. v. 1.
- CRESTI, E. Notes on lexical strategy, structural strategies and surface clause indexes in the C-ORAL-ROM spoken corpora. In: MONEGLIA, M.; CRESTI, E. (Org.). **C-ORAL-ROM: integrated reference corpora for Spoken Romance Languages**. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 209–256.
- CRESTI, E. The definition of Focus in Language into Act Theory. In: MELLO, H.; PANUNZI, A.; RASO, T. (Org.). **Pragmatics and Prosody: Illocution, Modality, Attitude, Information Patterning and Speech Annotation**. Firenze: FUP, 2011. p. 39–82.

CRESTI, E. Unità di analisi testuale e caratteri costruttivi nell'italiano parlato (spontaneo) e scritto (letterario). Ricerche corpus-based. In: FERRARI, A. (Org.). **Sintassi storica e sincronica dell'italiano**: subordinazione, coordinazione, giustapposizione. Firenze: Cesati, 2009. p. 713–732.

CRESTI, E.; GRAMIGNI, P. **Per una linguistica corpus based dell'italiano parlato**: le unità di riferimento. 2004, Napoli: D'Auria, 2004. p. 1–23.

CRESTI, E.; MONEGLIA, M. **C-ORAL-ROM**: Integrated reference corpora for spoken romance languages. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 304

CRESTI, E.; MONEGLIA, M. Informational patterning theory and the corpus-based description of spoken language: The compositionality issue in the topic-comment pattern. In: MONEGLIA, M.; PANUNZI, A. (Org.). **Bootstrapping Information from Corpora in a Cross-Linguistic Perspective**. Firenze: Firenze University Press, 2010. p. 13–45. Disponível em: <http://digital.casalini.it/9788884535290>. Acesso em: 12 dez. 2013.

CRESTI, E.; SCARANO, A. Sur la notion de parlé spontané. In: BILGER, M. (Org.). **Corpus: Méthodologie et applications linguistiques**. Paris: Champion, Perpignan, 2000. p. 340–349. Disponível em: <http://lablita.dit.unifi.it/preprint/preprint-98coll03.pdf>. Acesso em: 6 set. 2007.

FORSØE, H.; JONGEJAN, B.; OLSEN, S. The Notion of Quality in Language Resources: Validation of the Spoken Dutch Corpus. LREC Conference Workshop, 5, 2006, **Proceedings...** Genoa: ELRA, 2006. p. 20–25.

FROSALI, F. Le unità di informazione di ausilio dialogico: valori percentuali, caratteri intonativi, lessicali e morfo-sintattici in un corpus di italiano parlato (C-ORAL-ROM). In: CRESTI, E. (Org.). **Prospettive nello studio del lessico italiano**. Firenze: Firenze University Press, 2008. p. 417–424.

GALEMBECK, P. DE T. O turno conversacional. In: PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais**. 2a. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1995. p. 55–79.

HEUVEL, H. et al. Validation of spoken language resources: an overview of basic aspects. **Language Resources and Evaluation**, v. 42, n. 1, p. 41–73, 12 dez. 2008. Disponível em: <http://www.springerlink.com/index/10.1007/s10579-007-9049-1>. Acesso em: 1 set. 2011.

IPIC. **IPIC**: Information Structure Database. Disponível em: <http://lablita.dit.unifi.it/app/dbipic/>. Acesso em: 12 dez. 2013.

MACWHINNEY, B. J. **The CHILDES Project**: Tools for Analyzing Talk, 2 vol. 3rd. ed. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2000. Disponível em: <http://childes.psy.cmu.edu/manuals/chat.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2013.

MARTIN, P. **WinPitch**. Disponível em: <http://www.winpitch.com>. Acesso em: 12 dez. 2013.

MELLO, H. et al. Transcrição e segmentação prosódica do corpus C-ORAL-BRASIL: critérios de implementação e validação. In: RASO, T.; MELLO, H. (Org.). **C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal**. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p. 125–176.

MELLO, H. R.; RASO, T. Para a transcrição da fala espontânea: o caso do C-ORAL-BRASIL. **Revista Portuguesa de Humanidades**, v. 13, n. 1, p. 153–178, 2009. Disponível em: http://www.rphumanidades.com/index.php?option=com_content&view=article&id=38:131-para-a-transcricao-da-fala-espontanea-o-caso-do-coralbrasil&catid=4&Itemid=12&lang=pt. Acesso em: 27 jun. 2011.

MITTMANN, M. M. et al. Utterance as the minimal pragmatic entity in spontaneous speech perception. In: MOTA, M. B.s; RAUBER, A. S.; MOURA, H. M. de M. (Org.). **CONFERÊNCIA LINGÜÍSTICA E COGNIÇÃO**, 5., 2010, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. p. 115–123. Disponível em: <http://www.nupffale.ufsc.br/lincognition/anais.htm>. Acesso em: 12 dez. 2013.

MITTMANN, M. M. **O C-ORAL-BRASIL e o estudo da fala informal: um novo olhar sobre o Tópico no Português Brasileiro**. 2012. Tese - (Doutorado em Estudos Linguísticos) Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, 2012, 248 p., Belo Horizonte, 2012. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/LETR-97YMKT/mittmann_2012.pdf. Acesso em: 25 ago. 2013.

MITTMANN, M. M.; RASO, T. The C-ORAL-BRASIL informationally tagged mini-corpus. In: MELLO, H. R.; PANUNZI, A.; RASO, T. (Org.). **Pragmatics and Prosody: Illocution, Modality, Attitude, Information Patterning and Speech Annotation**. Firenze: Firenze University Press, 2012. p. 151–183.

MONEGLIA, M. et al. Challenging the Perceptual Relevance of Prosodic Breaks in Multilingual Spontaneous Speech Corpora: C-ORAL-BRASIL / C-ORAL-ROM. **Speech Prosody**, 2010, **Proceedings...** Chicago: Université de Neuchâtel, 2010. Disponível em: <http://speechprosody2010.illinois.edu/papers/102010.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2013.

MONEGLIA, M. Spoken Corpora and Pragmatics. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 11, n. 2, p. 479–519, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/rbla/arquivos/335.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2013.

MONEGLIA, M.; CRESTI, E. L'intonazione e i criteri di trascrizione del parlato adulto e infantile. In: BORTOLINI, U.; PIZZUTO, E. (Org.). **Il Progetto CHILDES Italia**. Pisa: Del Cerro, 1997. p. 57–90.

MONEGLIA, M.; CRESTI, E. The value of prosody in the transition to complex utterances. In: ALMGREN, M. et al. Conference of the International Association for the Study of Child Language, 8, 2001, **Proceedings...** Chicago: Cascadilla, 2001. p. 850–872.

NENCIONI, G. Parlato-parlato, parlato-scritto, parlato-recitado . In: NENCIONI, G. (Org.). **Di scritto e di parlato**. Bologna: Zanichelli, 1983. p. 126–179.

OLIVEIRA, C. J. F. **O apêndice de comentário no português do Brasil**: uma análise baseada em corpus. 2012. Tese - (Doutorado em Estudos Linguísticos) Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/LETR-8TEEFC/1086m.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2013.

PANUNZI, A.; GREGORI, L. DB-IPIC: an xml database for the representation of information structure in spoken language. In: MELLO, H. R.; PANUNZI, A.; RASO, T. (Org.). **Pragmatics and Prosody**: Illocution, Modality, Attitude, Information Patterning and Speech Annotation. Firenze: Firenze University Press, 2011. p. 133–150. Disponível em: <http://www.fupress.com/Archivio/pdf/5030.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2013.

PANUNZI, A.; SCARANO, A. Parlato spontaneo e testo: analisi del racconto di vita. In: AMENTA, L.; PATERNOSTRO, G. **I parlanti e le loro storie**: Competenze linguistiche, strategie comunicative, livelli di analisi. Convegno Carini-Valderice, 2009, **Atti...** Palermo: Centro di studi filologici e linguistici siciliani, 2009. p. 121–132.

RASO, T.; GOULART, L. L. As unidades informacionais de alocutivo em italiano e português do Brasil. **Fragmentos**, v. 9, p. 84–96, 2009.

RASO, T.; MELLO, H. (Org.). **C-ORAL-BRASIL I**: Corpus de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

RASO, T.; MELLO, H. Parâmetros de compilação de um corpus oral: o caso do C-ORAL-BRASIL. **Veredas**, v. 13, n. 2, p. 20–35, 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/11/ARTIGO-Tommaso-Raso-e-Heliana-Mello.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2013.

RASO, T.; MELLO, H.; MITTMANN, M. M. **The C-ORAL-BRASIL I**: Reference Corpus for Spoken Brazilian Portuguese. 2012, Istanbul, Turkey: European Language Resources Association (ELRA), 2012. p. 106–113. Disponível em: http://www.lrec-conf.org/proceedings/lrec2012/pdf/624_Paper.pdf. Acesso em: 12 dez. 2013.

RASO, T.; MITTMANN, M. M. As principais medidas da fala. In: RASO, T.; MELLO, H. R. (Org.). **C-ORAL-BRASIL I**: Corpus de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p. 177–221.

RASO, T.; MITTMANN, M. M. Validação estatística dos critérios de segmentação da fala espontânea no corpus C-ORAL-BRASIL. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 17, n. 2, p. 73–91, 2009. Disponível em: http://relin.letras.ufmg.br/revista/upload/17-2_04.pdf. Acesso em: 23 set. 2010.

ROCHA, B. M. **A Unidade Informacional de Introdutor Locutivo no Português Brasileiro: uma análise baseada em corpus.** 2011. Dissertação - (Mestrado em Estudos Linguísticos) Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, 2011, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/DAJR-8ELJXZ>. Acesso em: 25 ago. 2013.

ROCHA, B. N. R. DE M. **Características prosódicas do Tópico em PE e o uso do pronome lembrete.** 2012. Dissertação - (Mestrado em Estudos Linguísticos) Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, 2012, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/LETR-96TJYU/disserta_o_bruno_rocha.pdf. Acesso em: 25 ago. 2013.

RODRIGUES, Â. C. S. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais.** 2a. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1995. p. 13–32.

TOGNINI-BONELLI, E. **Corpus Linguistics at Work.** Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 2001. p. 84–98

VALE, H. P. **A unidade informacional de parentético no português do Brasil: uma análise baseada em corpus.** 2010. Dissertação - (Mestrado em Estudos Linguísticos) Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ALDR-875QCQ/1/1350m.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2013.

Artigo recebido em: 30.08.2013

Artigo aprovado em: 13.12.2013